

Público - 21 fevereiro 2013

SEMFROTEIRAS

## A europeização da política



Teresa de Sousa

Há, pelo menos, um lado que pode vir a ser positivo nesta tremenda crise europeia que estamos a viver nos últimos três anos. A política nacional ganhou uma nova dimensão europeia, que verdadeiramente já tinha, mas que ainda não tinha chegado à opinião pública. Hoje, Angela Merkel, pelas boas e pelas más razões, é tão familiar para os portugueses como Pedro Passos Coelho ou António José Seguro. Silvio Berlusconi ensombra as perspectivas portuguesas de regressar aos mercados tanto (ou quase) como uma má avaliação da *troika*. Mariano Rajoy e os seus problemas com o financiamento partidário merecem absoluta atenção em Berlim ou em Lisboa. Porque terão consequências em Berlim e em Lisboa. O que o Presidente Hollande conseguir fazer para reformar a economia francesa ditará um novo equilíbrio político europeu que pode alterar muita coisa. Revoltados ou não, descontentes ou não perante uma Europa que se

apresenta com muitas caras, nem sempre as mais agradáveis, os cidadãos europeus acumulam provas de que partilham para o bem e para o mal um destino que é comum.

Se esta nova "familiaridade" política não for rapidamente tida em conta, em Lisboa como em Berlim, o risco dos populismos (que na Europa se traduzem inexoravelmente numa retórica antieuropeia) aumentará exponencialmente, e ainda mais nos países que estão sujeitos a um ajustamento muito duro das suas finanças públicas e ao peso dramático de uma recessão sem fim à vista. Olhemos para Itália, que é hoje um caso paradigmático. Desde o início da campanha eleitoral que são os dois partidos populistas, encarnados por Berlusconi e por Beppe Grillo, que sobem continuamente nas sondagens. É o rigoroso e competente Mario Monti que não consegue fazer descolar a sua coligação reformista. É o Partido Democrático, dilacerado pela necessidade de agradar à esquerda sem alienar o centro, que sofre um desgaste porventura maior do que se previa inicialmente. Berlusconi diz aquilo que uma boa parte dos italianos querem ouvir: sobre os impostos, sobre a Europa, sobre Merkel, sobre o euro e sobre as

reformas. É diferente de Grillo, que se coloca contra um sistema político do qual os italianos desconfiam profundamente, mas que tem o mesmo resultado.

A questão que resta é muito simples. O "partido europeu", no governo ou na oposição, tem de passar a tomar as suas decisões incluindo esta nova dimensão europeia da política. É um salto de gigante. Mas é um salto que vai ter de ser dado rapidamente, se queremos que a Europa, depois de se ter salvo (por enquanto) dos mercados, consiga salvar-se agora dos três males que mais afligem as suas democracias: o populismo, servido em várias versões; a corrupção e os escândalos que a crise torna intoleráveis, e a percepção da iniquidade, que fere a legitimidade dos governos para pedirem sacrifícios. Em Portugal, essa europeização da política podia significar uma coisa bastante simples: a transformação da carta de Seguro às instituições que ditam o nosso programa de ajustamento numa carta conjunta do Governo e do PS às mesmas instituições. No fundo, apenas seguiriam o consenso político que determinou a nossa adesão à Comunidade Europeia e a nossa opção pelo euro.

Jornalista